



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Fundamentos.

AMÉRICA LATINA COMO LÓCUS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL

Rebecca Nunes Zerbinato¹
Amanda Germolhato Botoni²

Resumo: O artigo apresenta uma breve análise sobre o processo de amadurecimento do Serviço Social, observando o contexto que se instaura na América Latina, a partir do Movimento de Reconceituação. As reflexões têm como base a Questão Social no território latino-americano, sobre o qual destacamos as conexões que versam sobre o processo de construção da identidade profissional do Serviço Social.

Palavras-chave: Serviço Social; Movimento de Reconceituação; América Latina; Questão Social

Abstract: The article presents a brief analysis about the process of maturing Social Work, observing the context that is established in Latin America from the Reconceptualizing Movement. The reflections are based on the Social Question in Latin American territory, on which we emphasize the connections that relate to the process of building the professional identity of Social Work.

Keywords: Social Work; Reconceptualizing Movement; Latin America; Social Question

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tarefa explorar as mediações da identidade do Serviço Social, entendendo a América Latina como lócus da construção da identidade profissional. Exploraremos as particularidades que perpassam o contingente latinoamericano, de forma a aprofundar as especificidades da questão social neste território, entendendo as mediações que cercam a história social, econômica e política do continente latino-americano, buscando as conexões que versam sobre o processo de construção e reconstrução da identidade profissional do Serviço Social, destacando o Movimento de Reconceituação como mote para o rompimento com o conservadorismo profissional, ao qual se evidencia o amadurecimento teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo acumulado nas últimas seis décadas pelo Serviço Social brasileiro. A partir dessas questões, poderemos explorar a construção da identidade da profissão no contexto latino-americano.

A escolha do tema “América Latina como lócus da construção da identidade profissional do Serviço Social” se deu a partir da nossa participação no XXII Seminário Latino Americano

¹ Estudante de Graduação, Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul, E-mail: tccamandarebecca2019@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul, E-mail: tccamandarebecca2019@gmail.com.

de Escuelas de Trabajo Social (XXII SLETS), em Bogotá - Colômbia, realizado entre os dias 24 a 28 de setembro de 2018, na Universidad Nacional de Colombia. O contato com profissionais e estudantes de outros países da América Latina despertou em nós muitas indagações sobre o papel do Serviço Social e sua identidade na mesma, portanto, buscamos reunir, no artigo aqui apresentado, as ponderações sobre as indagações levantadas durante o XXII SLETS, no que diz respeito ao território, questão social e identidade do Serviço Social no Brasil e na América Latina.

Consideramos que a presente reflexão se faz necessária por afirmar a necessidade de aprofundamento teórico e metodológico, no ano em que se completa e comemora-se 40 anos do Congresso da Virada no Brasil, que ocorreu em 1979, em São Paulo. Congresso esse que marcou a categoria profissional e permitiu descortinar novas possibilidades de análise da vida social, alavancando grandes mudanças para a hegemonia teórica e metodológica e sobre a identidade do Serviço Social brasileiro.

“Historicamente, o continente latino-americano e a década de 60 situam-se como o lugar e o tempo onde se engendrou esse movimento de questionamento crítico da própria realidade e, no interior desta, da prática profissional” (MARTINELLI, 2000, p. 141). Sendo assim, reconhecemos a importância de interpretarmos a herança do Movimento de Reconceitualização no Serviço Social latino-americano, compreendendo que esse movimento marcou fortemente a profissão como um processo de ruptura, de questionamento às bases conservadoras da profissão. Buscamos apreender qual é a identidade que perpassa a América Latina e que a autora Marilda Iamamoto (2019, p. 22) chama de unidade na diversidade³.

O uso do termo “Latinoamerica” indica uma posição política, de que somos latinos sobretudo e, também, americanos. Entender o conceito de América Latina, enquanto países economicamente dependentes, similares em suas histórias de colonização, extermínio e super exploração, preenche, como parafraseado Maria Lúcia Martinelli (2000), *“uma lacuna no Serviço Social”*. Além disto, é de extrema importância resgatar a identidade do Serviço Social a partir das características do território latino-americano e compreender a dinâmica do Serviço Social brasileiro, na contramão dos demais países latinos.

³Este termo sinaliza o caráter das intensas diversidades históricas, culturais e sociais presentes no continente latino americano, mas que se unem no solo de um continente que tem também a perspectiva de uma herança social, econômica e política do colonialismo, que traceja marcas que são comuns aos processos de constituição do território latino americano, ou seja, apresenta diversidades, mas também unidades no tocante a sua história, lutas, contradições e resistências.

AMÉRICA LATINA: TERRITÓRIO, QUESTÃO SOCIAL E IDENTIDADE

*“Soy América Latina, un pueblo sin
piernas, pero que camina...”⁴*

O território da América Latina é composto por vinte países, sendo eles, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela e mais onze territórios que não são independentes e não podem ser considerados países.

Ao explorarmos as semelhanças e diferenças que nos identificam como território latino-americano, compreendemos que, apesar da proximidade como países vizinhos, o que nos identifica enquanto América Latina é o processo de colonização espanhola e portuguesa que ocorreram nos países da América do Sul, Central e Norte

As nações latino-americanas apresentam muitos pontos comuns com o Brasil: foram colonizados por um povo de cultura latina e cristã, dentro de um sistema colonial, que consistia em tirar da colônia o máximo de proveito para o país colonizador. São países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, porém de maneira desigual; as lutas pela independência, a fragmentação do império colonial ibérico, e as discordâncias internas entre os partidos políticos, geram, até hoje, uma instabilidade que obstaculiza este desenvolvimento (VIEIRA, 1989, p. 176).

É discutido por Mendonça (2013) que *“a América Latina é uma área cujas características principais são a especificidade de sua colonização e a desigualdade econômica e social em proporções não encontradas em outras regiões do mundo”*. E, ainda, que a estrutura colonial se traduziu sob a forma de pluralidade étnica.

Portanto, a América Latina constitui um amálgama, a partir de um conjunto de heranças comuns expresso pelo multiculturalismo de seus povos. Esta diversidade é fruto do processo histórico-estrutural imposto pela colonização constitutiva do caráter étnico-cultural do povo autóctone (MENDONÇA, 2013, p. 112).

Analisando as desigualdades sociais na América Latina, uma pesquisa trazida por lamamoto (2019) revela que, entre os anos de 2003 e 2014, houve redução da pobreza, mas não da desigualdade e que mais de 13 milhões de latino-americanos saíram da linha da pobreza, contudo, nos anos subsequentes (2015 e 2016) a pobreza voltou a crescer em 1,5

⁴Trecho da canção “Latinoamerica” da banda porto-riquenha “Calle 13”, com participação das intérpretes: Susana Baca, Totó la Momposina e Maria Rita. Composição: Eduardo Cabra, Rafael Arcaute e René Pérez. Ano: 2011.

milhão. “No Brasil, o contingente da extrema pobreza aumentou para 14,83 milhões em 2017, passando a representar 7,2% da população brasileira (IBGE –PNAD) ”(IAMAMOTO, 2019, p. 20).

Em pesquisa de 2015, dados do Banco Mundial atestam ser a África a região mais pobre do planeta, sediando os cinco países mais desiguais. Na América Latina e no Caribe encontram-se seis entre os catorze países mais desiguais em nível global: Honduras (6º), Colômbia (7º), Brasil (8º), Guatemala (9º), Panamá (10º) e Chile (14º). Segundo a Cepal (2016), o coeficiente de Gini que mede as desigualdades sociais e a concentração de renda (em que um representa máxima desigualdade e zero, nenhuma desigualdade), apresentou para dezessete países da América Latina, no ano de 2016, o valor médio de 0,469 para rendimentos pessoais. Ainda vivem em pobreza extrema mais de 75 milhões de pessoas, metade no Brasil e no México (IAMAMOTO, 2019, p.19).

Para Aníbal Quijano (1988), sociólogo peruano, a América Latina é vítima dos efeitos mais perversos das crises do capital. Crises que intensificam o debate sobre a sociedade e a cultura contemporânea, não só economicamente, mas em todas as formas de relações sociais. O autor ainda coloca que, desde a Segunda Guerra Mundial, há uma pressão pela modernização da América Latina que vem de agentes externos e não dos latino-americanos. A modernização está centrada na pressão para a entrada do bloco latino-americano no circuito da economia global, com adesão irrestrita ao modo de consumir e produzir dos países capitalistas já desenvolvidos, considerados “países modernos”⁵.

La presión por la modernización se ejerce sobre América Latina durante la mayor parte de este siglo, pero de manera muy especial desde el fin de la Segunda Guerra Mundial y, entonces, con ciertos atributos muy distintivos. En primer lugar, tal presión se ejerce, en gran medida, por la acción y en interés de agentes no latinoamericanos, si se quiere, externos. En segundo lugar, aparece formalmente como una propuesta de recepción plena del modo de producir, de los estilos de consumir, de la cultura y de los sistemas de organización social y política de los países del capitalismo desarrollado, considerados como paradigmas de una exitosa modernización (QUIJANO, 1988, p. 9).

É interessante notar que há uma ideia de que a América Latina foi sempre passiva e tardia em sua recepção de modernidade, sobretudo, pela questão de sermos colonizados por países europeus tidos como modernos – é interessante frisar o que a autora Anna Clara Torres Ribeiro (2012) chama de modernidade radicalizada, um ideal que coloca os países tidos como periféricos numa busca constante de uma modernidade que é anômala. O

⁵ Colocamos em reflexão o conceito de “modernidade”. A visão de “países modernos” se coloca com forte simbolismo através do capitalismo imperialista e que se reproduz de modo adensado no capitalismo de acumulação flexível do capital financeiro. Sendo, sobretudo, uma visão etnocêntrica avaliada pelo discurso da razão única.

conceito de modernidade data do século XVIII na Europa, como sendo o conjunto de trocas de países que estavam submetidos ao domínio europeu.

La modernidad como categoría se acuna, ciertamente, en Europa y particularmente desde el siglo XVIII. Empero, fue una resultante del conjunto de cambios que le ocurrían a la totalidad del mundo que estaba sometido al dominio europeo, desde fines del siglo XV en adelante (QUIJANO, 1988, p. 10).

É no período de conquista da América Latina que se movimenta a primeira onda de conexões de mercado, movimentando as primeiras camadas e tentativas do processo de globalização. Percebe-se, portanto, que o conceito de modernidade está relacionado à exploração dos países que compõem a América Latina, pelos países europeus.

A América Latina tem seu desenvolvimento pautado pelo exterior, pois sempre foi globalizada. A inserção e o intercâmbio intenso com o exterior em todos os aspectos socioculturais estão na gênese de seu povoamento e desenvolvimento. São suas próprias riquezas, materiais e culturais, que explicam a cobiça das nações hegemônicas, porém a presença dessas nações também é parte integrante e constitutiva de sua história (MENDONÇA, 2013).

Outro aspecto de suma importância para se pensar o território latino-americano, é pensar a questão social e as particularidades da questão social na América Latina. José Paulo Netto (2013), expressa que antes de se pensar as particularidades que perpassam a questão social na América Latina, é necessário entender o conceito de questão social “*que é usada de maneira ultra barateada*” (Netto, 2013, p. 83). O que, de fato, provocou o surgimento dessa expressão foi “o pauperismo que se registrava na Europa Ocidental nos primeiros momentos do impacto da industrialização, daquilo que os historiadores chamam rapidamente de Revolução Industrial” (Netto, 2013, p. 84).

A particularidade da Questão Social está no fato de que o continente latino-americano possui características únicas. “*A América Latina é um todo extremamente complexo e diferenciado onde particularidades nacionais jogam um peso muito grande*” (Netto, 2013, 95). Wanderley (2003), ao explorar a Questão Social na América Latina, defende a ideia de que há uma especificidade na situação latino-americana e que não podemos importar esquemas explicativos baseados na experiência eurocêntrica.

Se houve uma articulação orgânica entre os colonizadores e colonizados, é preciso analisar o caráter da colonização e da implantação do chamado *capitalismo periférico*⁶ (no qual a dependência tem papel constitutivo), e

⁶Anna Clara Torres Ribeiro (2012) para exemplificar o conceito de capitalismo periférico utiliza outros dois conceitos: a) espaços luminosos e b) espaços opacos. Por espaços luminosos subentende-se países modernos, a ideia de futuro, de grandiosidade; e espaços opacos refere-se à ideia de países de sobrevivência, espaços “feios, sem interesse ou perigosos pelo pensamento dominante [...]”, soma-se a isto a ideia de capitalismo dependente, que não se desenvolve de forma autônoma, ligado a uma econômica primária.

mostrar as particularidades que definem e modelam os modos de produção e as formações econômico-sociais (WANDERLEY, 2003, p. 47).

Nesse sentido, destaca-se a importância de abordar a questão social na América Latina, a partir de uma leitura que coloque em evidência as contradições e desigualdades que são inerentes à história latino-americana. A questão social está diretamente relacionada com a dinâmica sociocultural e com os modos de produção que foram adotados ao longo desses mais de quinhentos anos, desde a formação da América Latina enquanto continente. Wanderley refere que a questão social, em suas múltiplas dimensões econômicas, políticas, culturais e religiosas, tem origem na concentração de poder e de riqueza de classes e setores sociais dominantes. Portanto, buscar as particularidades do território é tarefa indispensável no sentido de compreendermos as especificidades do capitalismo dependente que é estrutural no território latino-americano.

A questão social latino-americana se põe, no espaço e no tempo, diferentemente da realidade européia, na instituição da nacionalidade, da esfera estatal, da cidadania, da implantação do capitalismo. Em consequência, ela deverá ser entendida e datada de modo distinto (...). Seminalmente ela vai emergir com o tema indígena e, logo após, com o tema da formação nacional (...) e vai se desdobrando e se problematizando nas temáticas negra, rural, operária, da mulher, que serão as analisadas no presente texto (WANDERLEY, 2003, p. 47).

O SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

A partir de meados dos anos 1960, começa na América Latina um processo de Reconceituação do Serviço Social, que buscava novas bases teórico-metodológicas para a profissão. Foi um movimento que aconteceu nos países latino-americanos (Brasil, Chile, Argentina, Peru e Uruguai) e consistiu em um movimento de crítica ao positivismo e ao funcionalismo, proporcionando uma aproximação com a fundamentação das teorias críticas, com ênfase no marxismo. Esse movimento trazia aos assistentes sociais a necessidade de construir um novo projeto para o Serviço Social que estivesse alinhado às demandas da classe trabalhadora.

“Os anos 1960 foram marcados por alguns terremotos econômico-sociais, políticos e ideoculturais que vincaram indelevelmente a face da história, da sociedade e da cultura contemporâneas” (NETTO, 2015, p. 186). Para o autor, este era o cenário ideal para promover a contestação das práticas tradicionais que regiam o Serviço Social até então – seu principal pressuposto era o de superar a ordem burguesa.

Apesar da asfixia provocada pela repressão da ditadura militar em muitos países da América Latina neste período, as Ciências Sociais começam a buscar novos caminhos, procurando romper com as concepções positivistas e negando, portanto, a “neutralidade científica” que historicamente tinha as orientado e também os assistentes sociais.

En América Latina, la década del 60 enmarca una perspectiva nueva en el campo de la Ciencia Social; originada por los hechos históricos dados en el interior del continente, los cuales han tenido repercusiones. La Ciencia Social, ante las presiones recibidas por los cambios de perspectiva en el contexto latino-americano, y por los ya sucedidos en otros contextos espacio-temporales, se ha ido desarrollando y replanteando la necesidad de una ciencia con sentido más en concordancia con la realidad de nuestros pueblos, en búsqueda de romper con las ataduras a concepciones positivistas, que han hecho de las disciplinas sociales profesiones “rígidas”, neutras. En el confrontamiento con la realidad, la Ciencia Social empieza a esclarecer el papel que le corresponde; aunque aún queda mucho por superar, encontrando esto último su explicación en la ideología dominante(SANG, 1976, p. 26).

Sobre o processo de renovação do Serviço Social, Netto (2015, p. 169) reitera que a ruptura com o cenário conservador tem suas bases na laicização do Serviço Social - esse é um dos elementos caracterizadores da renovação do Serviço Social sob a autocracia burguesa. *“Entendemos por renovação o conjunto de características novas que, no marco das restrições da autocracia burguesa, o Serviço Social articulou, à base do rearranjo de suas tradições e da assunção do contributo de tendências do pensamento social contemporâneo”* (Netto, 2015, p. 172).

A crise do Serviço Social “tradicional” ultrapassou fronteiras e tornou-se um fenômeno internacional – ainda que tenha assumido diversas formas, esse movimento de renovação atingiu praticamente todos os países onde a profissão alcançara algum nível de legitimação. Netto (2015, p. 188) menciona que esta contestação procede do exterior da profissão: de um lado, parte da movimentação social que caracteriza o período; do outro, parte dos segmentos sociais que sofrem a intervenção direta dos assistentes sociais. A efervescência profissional interna, portanto, se deve a esses fatores e, neste sentido, o autor destaca três pontos que afetaram a reprodução da categoria profissional: a) em primeiro lugar, a revisão crítica que se processa na fronteira das Ciências Sociais – os profissionais passam a questionar a legitimidade dos insumos científicos que o Serviço Social se utilizava historicamente; b) em segundo lugar, o deslocamento sociopolítico de instituições com as quais o Serviço Social estava vinculado, em especial a Igreja Católica; e c) em terceiro lugar, o protagonismo do movimento estudantil – a “rebelião juvenil” se mostrou eficiente neste processo de questionamento e de alterações na profissão que marcaram o Serviço Social.

A reconceptualização é, sem qualquer dúvida, parte integrante do processo internacional de erosão do Serviço Social tradicional e, portanto, nesta medida, partilha de suas causalidades e características. Como tal, ela não pode ser pensada sem a referência ao quadro global (econômico-social, político, cultural e estritamente profissional) em que aquele se desenvolve. No entanto, ela se apresenta com nítidas peculiaridades, procedentes das particularidades latino-americanas; nas nossas latitudes, “a ruptura com o Serviço Social tradicional se inscreve na dinâmica de rompimento das amarras imperialistas, de luta pela libertação nacional e de transformações da estrutura capitalista excludente, concentradora, exploradora” (NETTO, 2015, p. 190).

Ao resgatarmos algumas memórias do Serviço Social na Revista latinoamericana: *Selecciones de Servicio Social*, encontramos registros de Dinorah Sang (1976) que já destacava a importância do Movimento de Reconceitualização e a necessidade de repensar a metodologia utilizada pelos assistentes sociais. A autora mencionou, também, que esse fenômeno marcou a transição de uma postura “neutra” do Serviço Social para uma atitude dinâmica, que busca sua razão de ser no coração dos problemas latino-americanos, a fim de contribuir para o processo de transformação.

El Trabajo Social ha ido descubriendo más enfáticamente la necesidad de un replanteamiento metodológico ante el confrontamiento teoría-práctica. El llamado proceso de “Reconceptualización” si bien por sí mismo no ha logrado un T.S. [Trabajo Social] nuevo en toda su dimensión, no se podría negar que ha sido significativo y ha tenido repercusión en el desarrollo de una actitud crítica con miras a una superación. Es el fenómeno que enmarca el paso de una disciplina aséptica, neutra, a una disciplina dinámica que busca su razón de ser en el meollo de la problemática latinoamericana, a fin de contribuir en el proceso de transformación (SANG, 1976, p. 26).

Um dos maiores marcos na história do Serviço Social brasileiro foi o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, em 1979, na cidade de São Paulo, que ficou conhecido como o “Congresso da Virada”. A partir desse Congresso se estabelece um amplo processo de mudança no seio da profissão, o que representa um marco na intenção de ruptura com o conservadorismo, apresentando novas direções no processo de renovação do serviço social brasileiro. A categoria dos Assistentes Sociais passou a legitimar uma nova direção ética, teórica e prática.

O ‘Congresso da Virada’ constitui-se no mais importante marco sócio-histórico e político do Serviço Social brasileiro, a partir do qual a categoria, dinamizada pelas lutas da classe trabalhadora, ao enfrentar a hegemonia do conservadorismo, inicia a construção de um projeto profissional de ruptura. Necessário porque este Congresso tanto carrega as marcas dos avanços e conquistas sócio-profissionais, quanto nos permite (re)avaliá-los e, ainda, dimensionar os desafios atuais. Afinal, conhecer os caminhos da “Virada”, e examiná-los com a maior exatidão possível, certamente nos ajudará a clarificar os novos dilemas e dimensionar as questões contemporâneas (GUERRA, 2009, p. 05)

Para Netto, o III CBAS é herdeiro do “espírito crítico” do movimento de reconceituação latino-americano (GUERRA, 2009, p. 6 apud NETTO, 1990, p. 247) e que foi sustentado pelas lutas e revoluções da América Latina e pelas diversas formas de enfrentamento ao imperialismo norte-americano e à ideologia do pan-americanismo⁷.

A hipótese da qual parto é a de que, para o Serviço Social, a década de 70, como resultado das lutas sociais contra o imperialismo norte-americano, da resistência às ditaduras militares e em prol da (re)construção de sociedades democráticas, que marcaram a conjuntura de transição vivida na América Latina entre os anos 65/75, é uma década extremamente fecunda e contraditória, marcada por inúmeras conquistas, dentre as quais cabe aqui mencionar pelo menos duas: a fundação do primeiro Curso de Pós-Graduação Latino-americano de Trabalho Social (PLATS) na Universidade Nacional de Honduras, resultado da articulação entre as universidades centro-americanas, em 1975, e a fundação do Centro Latino-americano de Trabalho Social (CELATS), e a edição da Revista *Acción Crítica*, em 1976. A ‘Virada’ do Serviço Social brasileiro, tecida neste fecundo contexto, não se explica sem estas articulações, conquistas e acontecimentos (GUERRA, 2009, p. 05).

Guerra (2009, p. 06) ainda destaca que o processo de Reconceituação permitiu e movimentou importantes e determinantes processos para o amadurecimento da profissão, aos quais se destacam: 1) processo de ampliação e laicização da profissão; 2) a construção de novos vínculos sócio-políticos com o “povo”; 3) inserção acadêmica e científica da profissão; 4) maior militância política contra a ditadura; 5) espírito crítico na formulação do projeto profissional de Belo Horizonte; 6) amplo desenvolvimento organizativo das entidades como conselhos regionais e conselho Federal; 7) mudanças no perfil profissional, cuja luta se expressa no movimento estudantil e se propaga nas entidades da categoria. Explica, ainda, a autora que, apesar de todas essas transformações, o desenvolvimento do projeto profissional vinculado à classe trabalhadora e superação da ordem burguesa só se deu na década de noventa, após um significativo acúmulo teórico por parte da categoria nas bases de formação e atuação profissional.

Pós-Movimento de Reconceituação, empreende-se no Brasil um processo de aproximação à teoria marxista, e principalmente de superação às leituras equivocadas da obra de Marx. Fizeram parte desse processo reconhecidos autores brasileiros, que estabelecem um diálogo intenso com a teoria marxista, o que permitiu aprofundar o debate sobre o trabalho na sociedade capitalista.

⁷Pan-americanismo é “a ideia da existência de uma união entre os povos das Américas, especialmente em sua acepção política [...]. Deste processo de liberação política deveria resultar a unificação dessas possessões em uma grande nação latino-americana, embasada nos princípios do pensamento liberal [...]. Surge a primeira união concreta e formalizada entre os países do continente americano, a União Internacional das Repúblicas Americanas ou União Pan-Americana [...] que buscava facilitar o comércio entre os EUA e as outras repúblicas americanas” (VARGAS, 2014, p. 48).

É no bojo deste movimento, de questionamento à profissão, não homogêneos e em conformidade com as realidades de cada país, que a interlocução com o marxismo vai configurar para o Serviço Social latino-americano a apropriação de outra matriz teórica: a teoria social de Marx. Embora esta apropriação se efetive em tortuoso processo (YASBECK, 2009, p. 7).

Desde 1973 já se compreendia a necessidade de olhar a identidade do Serviço Social, a partir das particularidades do território latino-americano. Heredia (1973) enfatiza que o Serviço Social da América Latina não deve ser "um subproduto da situação de dependência e subdesenvolvimento que o nosso continente suporta". Devemos buscar inspiração para o Serviço Social dentro do nosso próprio território da América Latina.

Se impone, por todo ello, una filosofía latinoamericana del trabajo social. Basta ya de ejemplos extranjeros. El Servicio Social latinoamericano no debe ser "un subproducto de la situación de dependencia y subdesarrollo que soporta nuestro Continente", como expresó el Documento de las Delegaciones de Habla Hispana al VI Seminario de Servicio Social de Porto Alegre, Brasil, 1972. [...] Debe buscar inspiración en nuestra propia tierra. Busquemos inspiración sana en nuestra América Latina (HEREDIA, 1973, p. 28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos mencionados, considera-se de suma importância a ampliação do conceito América Latina como essencial à formação em Serviço Social. Martinelli (2000) fraseando Hegel, expressa: "*Pensar o Serviço Social, eis a tarefa*". Ou seja, pensar o Serviço Social e suas fundamentações é tarefa no sentido de impulsionar um Serviço Social ainda mais crítico, mais alinhado aos interesses da classe trabalhadora, concretizado teoricamente e metodologicamente. "*A ausência de identidade profissional fragiliza a consciência social da categoria dos assistentes sociais e a faz percorrer um caminho de alienação na prática profissional*" (MARTINELLI, 2000, p.17).

Compreender a dimensão política que se instaura, a partir do Congresso da Virada em 1979, e o processo de amadurecimento do Serviço Social latino-americano, a partir do Movimento de Reconceituação, se faz necessário também pela atual conjuntura que se vivencia hoje no mundo do trabalho - marcada por densos processos de retração de direitos, novos e ampliados processos de precarização e exploração. Guerra (2009, p. 05) já destacava a importância de resgatarmos os caminhos da "Virada", pois nos permite (re)avaliá-los e dimensionar os desafios atuais. "Conhecer os caminhos da "Virada" e examiná-los com a maior exatidão possível, certamente nos ajudará a clarificar os novos dilemas e dimensionar as questões contemporâneas" (GUERRA, 2009, p. 05).

Destacamos também a importância de compreendermos a construção da identidade da profissão, a partir da dimensão ético-política do Serviço Social, interpretando o movimento histórico da profissão e sua tomada de posição política - imbricada ao processo de reconhecimento de que o Assistente social compõe a classe trabalhadora e, por nesta incursão, a profissão pode reconhecer-se como parte da classe trabalhadora e também constituir e reconstruir sua identidade profissional, reafirmando as bases teóricas e metodológicas, éticas e políticas vinculadas ao pensamento crítico que fundamentam o Projeto Ético-Político do Serviço Social.

Diante da rica herança que o Movimento de Reconceituação trouxe para o Serviço Social na América Latina, reafirmamos a necessidade de buscarmos inspiração para o Serviço Social dentro do nosso próprio território. Analisar as mediações que cercam a história social, econômica e política do continente latino americano nos permite de fato compreender a *América Latina como lócus da construção da identidade profissional do Serviço Social*. Portanto,

Estamos convencidos de que o Serviço Social nos países hispano-americanos deve se debruçar, ainda mais, no debate teórico-metodológico atualizado e crítico (...). Apenas desta forma, poderá dar/consolidar o salto qualitativo que coloque a profissão, não no caminho do 'retorno ao passado', mas do avanço no presente olhando o futuro, de forma crítica e teoricamente sólida (MONTAÑO, 2008, p. 135).

REFERÊNCIAS

GUERRA, Yolanda. A “Virada” do Serviço Social. Revista Inscrita, Brasília, ano 8, n.12, 2009. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/visualizar/revista-inscrita>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

HEREDIA, Pedro Vives. El Trabajo Social Latinoamericano: Fray Bartolomé de las Casas. **Revista Latinoamericana Selecciones de Servicio Social**. Buenos Aires, Argentina. Ano VI, n. 20, p. 28-35, 1973.

IAMAMOTO, Marilda Villela. A formação acadêmico-profissional em Serviço Social: uma experiência em construção na América Latina. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 134, 2019. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n134/0101-6628-sssoc-134-0013.pdf>>. Acesso em 07 mai. 2019.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: Identidade e alienação**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MENDONÇA, Luiz Jorge V. Pessoa de. A América Latina: da desigualdade social à desigualdade econômica ou características e variações de um mesmo tema. *In*: TEIXEIRA, Maria Lúcia Garcia; RAIZER, Eugênia Célia (org.). **A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano**. Vitória, E.S.: EDUFES, 2013. Cap. 4, p. 112 - 128. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/825/1/livro%20edufes%20A%20quest%C3%A>

[3o%20social%20e%20as%20pol%C3%ADticas%20sociais%20no%20contexto%20latino-americano.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/825/1/livro%20edufes%20A%20quest%C3%A3o%20social%20e%20as%20pol%C3%ADticas%20sociais%20no%20contexto%20latino-americano.pdf)>. Acesso em 12 fev. 2019.

NETTO, José Paulo. A Questão Social na América Latina. *In*: TEIXEIRA, Maria Lúcia Garcia; RAIZER, Eugênia Célia (org.). **A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano**. Vitória, E.S.: EDUFES, 2013. Cap. 3, p. 83-111.

Disponível em:

<<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/825/1/livro%20edufes%20A%20quest%C3%A3o%20social%20e%20as%20pol%C3%ADticas%20sociais%20no%20contexto%20latino-americano.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2019.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

QUIJANO, Aníbal. LO PUBLICO Y LO PRIVADO: UN ENFOQUE LATINOAMERICANO. *In*: _____. **Modernid, Identidad y utopia en America Latina**.

Peru: Sociedad y politicas, ediciones, 1988. p. 8 - 14. Disponível em:

<<https://antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/quijano-anibal-modernidad-identidad-y-utopia-en-america-latina-1988.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2019.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. **Redobra**, Salvador, ano 3, n. 9, p. 58-71, 2012. Disponível em:

<http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf>. Acesso em 11 mai 2019.

SANG, Dinorah Polanco. Sobre la Reconceptualización del Trabajo Social en América Latina. **Revista Latinoamericana Selecciones de Servicio Social**. Buenos Aires, Argentina. Ano IX, n. 28, p. 26-30, 1976.

VARGAS, Mojana. A construção do Pan-Americanismo nas páginas de Américas (1949-1969). **Revista Crítica Histórica**. Alagoas, Ano V, nº 9, p. 46-81, junho 2014.

Disponível em:

<[http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/197/A%20CONSTRU%20C3%87%C3%83O%20DO%20PANAMERICANISMO%20NAS%20P%C3%81GINAS%20DE%20AM%C3%89RICAS%20\(1949-1969\)%20.pdf](http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/197/A%20CONSTRU%20C3%87%C3%83O%20DO%20PANAMERICANISMO%20NAS%20P%C3%81GINAS%20DE%20AM%C3%89RICAS%20(1949-1969)%20.pdf)>. Acesso em 25 mai. 2019.

VIEIRA, Balbina Ottoni. A ajuda aos Pobres: Interpretação do Passado. *In*:

_____. **História do Serviço Social**: Contribuição para a Construção de sua teoria. Rio de Janeiro: Agir, p. 27 – 45, 1989.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. A particularidade da questão social na América Latina. **Revista Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, SP. Cortez, v.24, n.76, p. 37-57, 2003.